

NARRATIVAS *QUEER* E O ENSINO DE ARTES

Pedro Paulo Souza Rios; Doutorando em Educação
Universidade Federal de Sergipe – UFS; e-mail: peudesouza@yahoo.com.br
André Ricardo Lucas Vieira; Mestre em Educação de Jovens e adultos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB; e-mail: sistlin@uol.com.br

Resumo: O presente estudo tem por objetivo analisar narrativas *queer* a partir das aulas de Ensino de Artes, vivenciadas por estudantes gays, do primeiro ano do Ensino Médio numa escola pública do Semiárido Baiano. Para tanto utilizamos a perspectiva teórica *queer*, a partir das narrativas (auto)biográficas. O estudo sinalizou que o componente Ensino de Artes se constitui enquanto espaço educativo agregador da diversidade sexual e de gênero. Contudo, foi possível perceber que a matriz curricular da escola não consegue abarcar questões presentes na contemporaneidade, negligenciando assuntos como gênero, diversidade sexual e sexualidade. Assim, as narrativas evidenciam uma intrínseca relação entre o Ensino de Artes e as questões de gênero dentro da escola.

Palavras-chave: Teoria *Queer*; Ensino de Artes; Equidade de Gênero; Narrativas Gays.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: A RELEVÂNCIA DO ENSINO DE ARTE

Historicamente, nos processos pedagógicos, alguns componentes têm sido negligenciados em detrimento de outros considerados “mais importantes”. Nesse sentido, os componentes que abordam questões vinculadas às subjetividades dos sujeitos em seus processos formativos, dentre eles o Ensino de Artes, estão enquadrados à matriz dos considerados e “menos importantes”, recebendo atenção aquém, quando não há por parte das escolas um silenciamento em torno do componente, ocorrendo o não cumprimento da Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira – LDB9394/1996, que rege acerca do Ensino de Artes na Educação Básica.

Entendemos que o Ensino Arte pode se configurar num espaço agregador da diversidade. Assim, o presente estudo vislumbra estabelecer relações entre o Ensino de Arte e as questões de Gênero e Sexualidade. Ademais, compreendemos que tal estudo se apresenta como de fundamental importância por ter como *lôcus* o Semiárido Baiano, rico em expressões artísticas e historicamente estigmatizado no que tange as questões de gênero.

Dessa maneira, o presente artigo tem por objetivo investigar, por meio das narrativas (auto)biográficas, como as questões de gênero e sexualidade vivenciadas pelos estudantes gays, a partir do componente curricular Ensino de Artes, influenciam no seu processo de formação, ao tempo em que busca compreender de que maneira as aulas de Arte influenciam na constituição da

identidade de gênero dos estudantes e ao fazer isso refletiremos como as identidades de gênero são produzidas e reproduzidas pelo currículo ao longo do processo de formação dos sujeitos.

Suscitamos, portanto, algumas indagações: quais são as possíveis relações entre o ensino de Artes e as questões inerentes às relações de gênero no espaço escolar? O ensino de Arte pode se constituir efetivamente num componente curricular que abarque elementos que dizem respeito às subjetividades de gênero dos estudantes gays?

ARTE: ENQUANTO EXPRESSÃO HUMANA

A Arte se constitui numa das manifestações culturais mais antigas da humanidade, sendo, portanto, uma expressão própria e indissociável do que venha a ser o humano (FISCHER, 1983). Na atualidade, não há como ignorar o papel vital que a Arte exerce na vida contemporânea. Sendo quase impossível pensar qualquer expressão humana desvinculada pelo menos de uma, dentre as múltiplas manifestações artísticas, já que a arte se configurou enquanto expressão da presença humana no mundo, ao criar objetos e formas que representam suas vivências e o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação (AZEVEDO JÚNIOR, 2007).

A Arte é, pois implicamento livre da humanidade com a natureza e com a realidade social que a cerca, atribuindo-lhes novos sentidos e significados, ao tempo em que ela própria se liberta, podendo ser utilizada para explicar e descrever a história, expressar ideias, sentimento, desejos, podendo ser uma manifestação subjetiva singular ou coletiva (FISCHER, 1983).

A arte, portanto se constitui enquanto quimera, utilizada na tentativa de transformação da natureza, homens e mulheres dão novas formas à sociedade, atribuindo novos significados à existência humana. Trata-se, portanto, de externar uma imaginação do que significa a realidade, assim, o/a artista é considerado, por princípio, um mágico, pois é capaz de transformar a realidade através da arte (FISCHER, 1983).

ARTE, GÊNERO E SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

A escola não reproduz ou reflete as concepções de gênero, diversidade sexual e sexualidade que transitam na sociedade, mas ela própria as produz (LOURO, 2007). Os indivíduos aprendem desde muito cedo a reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso através de estratégias muito

difíceis de reconhecer. Assim, entendemos que as questões pertinentes às relações de gênero e sexualidade são moldadas e definidas por diferentes práticas discursivas, dentre elas as artes.

Por um currículo *queer*

A teoria *queer* se inscreve nas discussões atuais sobre gênero e sexualidade inspirada nas concepções pós-estruturalistas de sociedade, de conhecimento, de cultura, de política como forma de desestabilizar os modelos hegemônicos de vivência do gênero e da sexualidade.

O currículo escolar sempre esteve implicado na construção das identidades e das diferenças: “desde a sua constituição, a escola moderna é marcada por diferenças. [...] ela continua sendo, para crianças e jovens, um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais” (MEYER, 2003). Porém, não havia a preocupação em questioná-la e problematizá-la. Dessa forma, historicamente, o currículo tem legitimado identidades hegemônicas ocidentais, brancas, masculinas, heterossexuais e contribui para posicionar as não hegemônicas como inferiores, deficitárias, patológicas, desviantes e comumente silenciadas.

Uma proposta curricular pautado na Teoria *Queer* daria conta de pensar novas estratégias pedagógicas que sejam não-normativas, envolvendo portanto, as distintas expressões artísticas muitas vezes consideradas estranhas e incompreendidas por aqueles/as que acreditam que a arte pode ser “enquadrada” em um único modelo.

METODOLOGIA: ATOS DA PESQUISA

No que concerne aos fundamentos metodológicos, a pesquisa de caráter qualitativo é a que mais adequada. A metodologia utilizada será a pesquisa narrativa, no campo educacional. Pesquisadores como Nóvoa (2000), Souza (2006), entre outros, têm apresentado trabalhos significativos nessa área, que versam desde a constituição do educador reflexivo até a formação inicial e continuada dos profissionais da educação.

As narrativas como metodologia de pesquisa valorizam e exploram as dimensões pessoais dos sujeitos, seus afetos, sentimentos e trajetórias de vida, e levam à percepção da complexidade das interpretações que os sujeitos pesquisados fazem de suas experiências e ações, sucessos e fracassos e dos problemas que enfrentam. Por sua vez, a investigação narrativa recorre às explicações dadas pelos indivíduos para entender as causas, intenções e objetivos que estão por trás das ações humanas.

Em relação ao método, entendemos que a fenomenologia, por procurar compreender os fenômenos subjetivos na crença de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida, aliado à pesquisa biográfica, possa auxiliar na elucidação das indagações e propostas, pois, segundo Souza (2006), na pesquisa qualitativa não se objetiva explicar o fenômeno, mas compreendê-lo, auxiliando no autoconhecimento do indivíduo e deste para com o mundo.

Quanto aos instrumentos metodológicos para a coleta de dados utilizamos entrevistas narrativas, que se configura enquanto atividade formadora como processo de formação e de conhecimento (SOUZA, 2006);

As narrativas foram gravadas entre março e junho de 2017, num total de cinco (05) narrativas, sendo duas de Eduardo e três de Luiz, num total de 3hs46min de gravação.

Os narradores

Luiz tem dezoito anos, mora com a mãe, uma irmã e um irmão, sobre sua defasagem em relação a série/idade ele comenta: *“Quando eu era mais novo não gostava de vim pra escola. Eu já lacrava desde pequeno e as professoras mandava eu me comportar”*. E continua: *“[...] mas queria participar das apresentações de arte então tinha que tá matriculado”*.

Eduardo tem dezenove anos. Mora com pai/mãe e uma irmã. Contou-nos que *“Nem sempre as pessoas me entendem... mesmo gostando de brincar sou uma pessoa séria”*. Sobre sua vida escolar nos disse que: *“às vezes tenho a sensação que a escola não foi feita pra todo mundo [...] já era pra ter concluído o ensino médio, mas ainda tem coisas que nem eu entendo”*.

NARRATIVAS SOBRE SER GAY E ARTISTA: VIVÊNCIAS DE GÊNERO

As expressões artísticas estão de alguma maneira estão presentes no cotidiano das pessoas. Dividimos os mesmos espaços, ainda que não percebamos. Comumente é ela que se aproxima da gente, a formas mais comuns tem sido a música e dança, outras somos nós que nos aproximamos dela. A escola tem se mostrado ser um espaço favorável às expressões, tanto é que a Secretaria de Educação do Estado da Bahia criou em 2008 o Festival Anual da Canção Estudantil – FACE. As atividades vinculadas ao universo artístico costuma ter uma presença significativa de homossexuais,

Eu sempre me achei meio artista, desde criança gostava de me expressar e a arte ajuda muito é... como eu posso dizer? A arte me entende, na arte eu posso ser quem eu sou, eu uso a máscara para se eu mesmo, entende? [...] A escola tem ajudado muito nesse sentido, mas acaba taxando a gente. Assim... todo mundo

fala: 'é arte? Chama as bichas!' A gente fecha mesmo. Já que é pra lacrar a gente lacra! (LUIZ, 2017).

De acordo com a narrativa de Luiz a arte é algo inerente à sua condição, “desde criança” e por meio da arte ele procurou se conhecer e se aceitar enquanto sujeito, contudo ao adentrar a escola percebe que há uma barreira, um impedimento. Quando ele narra que a escola “acaba taxando”, taxar aqui é determinar o que pode e o não ser feito por um estudante gay.

A prática de homofobia na escola é um fator relevante na disseminação do preconceito, conforme sinaliza Eduardo:

Não é fácil ser gay, mas eu gosto de ser como eu sou [...] As vezes eu me sinto mal, eu fingi que não vejo, levo na brincadeira porque se não a gente fica louca. Tem professores preconceituosos sim! Se fosse botar chocalho ninguém dormia nessa cidade, ia ser um barulho daqueles [...] mas dentro da escola eles tem que me engoli.

A fala de Eduardo evidenciar que o preconceito ainda é algo presente na escola, contudo o mais sério é a escola continuar fingindo que está tudo resolvido, enquanto os/as estudantes estão sendo vítimas de preconceitos e de homofobias. De acordo com Louro (2007) o preconceito relacionado à sexualidade e à orientação sexual na escola é assunto cuja abordagem é muito delicada, tanto pelo corpo discente, quanto pelo corpo docente, tornando-o num tabu. Eduardo conclui: “*Todo mundo na escola sabe que tem um monte de “viados” e “sapatas”, mas ninguém toca no assunto*”. Relacionado isso Luiz Comenta:

Esse assunto é algo misterioso aqui na escola. Não entendo essas coisas, juro pra você [...] a escola tem “viado” e “mona” pra dar de pau. Todo mundo brinca com a gente, mas na hora de falar sério sobre essas questões, aí já sabe né? Então o que é que gente faz? Quando falo a gente me refiro ao “viados” e “sapatas”. Eu já disse isso antes, mas não me canso de dizer: Eu me considero um artista, mas não sou qualquer artista, sou um artista gay!

Durante a gravação das narrativas com Luiz era notória a empolgação dele. Tinha algo de autoafirmação. A necessidade de alguém que o escute, já que ele/eles nunca são levados a sério: “*todo mundo brinca com a gente*”. Tal constatação só evidencia que as questões ligadas ao campo das relações de gênero, sexualidade, diversidade e orientação sexual ainda são negligenciadas pela e na escola. Uma vez que não consta no currículo, professores/as e estudantes não se sente comprometidos com tal realidade, então o que lhe resta é a arte “porque a arte me acolheu” (LUIZ).

Nessa perspectiva, Louro (2007) salienta que a negação dos/as homossexuais na escola acaba por confina-los/as às “gozações”. Como bem reflete Eduardo: “O tempo inteiro as pessoas

brincam com a gente, mas no fundo a vontade de muitos era de acabar com a gente. Eu sinto que muitas vezes são “gozações” em forma de brincadeira”.

Durante as gravações foi possível constatar que tanto Luiz quanto Eduardo tem um carinho especial pelo Ensino de Artes: *“Eu não escondo de ninguém o quanto eu gosto da disciplina de Artes, fico só imaginando no próximo ano, já não terei mais essa disciplina”* (EDUARDO). Sobre isso Luiz é enfático: *“Já falei com a diretora: posso até passar de ano, mas as aulas de artes eu não perco por nada nesse mundo”*.

As narrativas de Luiz e Eduardo sinalizam uma intrínseca relação entre o componente curricular Ensino de Arte e as questões inerentes às relações de gênero, sexualidade, orientação sexualidade dentre outras.

(IN)CONCLUSÕES ACERCA DO ENSINO DE ARTE E A ARTE DE SER GAY

Na tentativa de delinear algumas (in)conclusões podemos afirmar que a arte se constitui enquanto forma de expressão humana, tendo em vista que a mesma transmite características e conceitos inerentes ao homem e sua cultura, uma vez que é por meio dela que homens e mulheres conseguem expressar ideias, sensações e sentimentos, servindo como uma forma de comunicação

Dessa maneira, podemos dizer que compreender o Ensino de Arte enquanto componente curricular obrigatório no contexto escolar faz-se necessário, no entanto compreendê-lo na perspectiva interdisciplinar torna-se imprescindível, uma vez que a escola se configura enquanto espaço legítimo de interação das experiências dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, J. G. de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/1996. Brasília: MEC/SEF, 1996.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis – RJ: Vozes. 2007.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e prática. Em G. L. Louro; J.F. Neckel & S. V. Goellner (Orgs.), **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** (pp.9-27). Petrópolis: Vozes, 2003

NÓVOA, A. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: (Org). Vidas de professores. Porto: Porto, 2000, p. 11-30.

SOUZA, E. C. de. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico- metodológicas sobre história de vida em formação**. Revista Educação em Questão, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006.

